

Introdução

NOLI ME TANGERE

«Não me toques» terá sido, segundo João 20:17, o que Jesus disse a Maria Madalena quando esta o reconheceu depois da sua ressurreição. Como é que eu, um ateu cristão assumido, interpreto estas palavras? Em primeiro lugar, relaciono-as com a resposta que Cristo dá à pergunta do discípulo que o questiona sobre como é que saberemos que ele regressou, ressurreto. Cristo responde que estará presente sempre que houver amor entre aqueles que o seguem. Estará presente não como um ser de carne e osso, mas como o elo de amor e solidariedade que une as pessoas — daí o «não me toques, toca e ocupa-te dos outros no espírito do amor».

Hoje, contudo, no meio da epidemia de coronavírus, somos bombardeados precisamente com apelos para não tocarmos nos outros, para nos isolarmos, para mantermos um distanciamento físico adequado. O que é que isto significa em face da injunção «não me toques»? As mãos não podem estender-se para outrem: só a partir do interior é que podemos aproximar-nos uns dos outros — e a janela para o «interior» são os nossos olhos. Por estes dias, quando encontramos alguém que nos é próximo (ou mesmo um estranho) e mantemos uma distância adequada, um olhar penetrante nos olhos da outra pessoa pode revelar mais do que um contacto íntimo. Num dos seus fragmentos juvenis, Hegel escreveu:

O ser amado não se contrapõe a nós, ele funde-se no nosso ser; é nele e só nele que nos vemos a nós próprios; por outro lado, ele já não é um nós — um enigma, um milagre [*ein Wunder*], algo que não conseguimos entender.

É crucial não ler estas duas afirmações como opostas, como se o ser amado fosse parcialmente um «nós», parte de mim, e parcialmente um enigma. O milagre do amor não consistirá no facto de o outro ser parte da minha identidade precisamente na medida em que não deixe de ser um milagre que não posso entender, um enigma não só para mim mas também para ele? Para citar outra passagem famosa do jovem Hegel:

O ser humano é esta noite, este nada oco que contém tudo na sua simplicidade — uma profusão ilimitada de muitas representações e imagens, nenhuma das quais lhe pertence — ou que não está presente. Lobrigamos esta noite quando olhamos um ser humano nos olhos.

Nenhum coronavírus nos pode tirar isto. Há, pois, esperança de que o distanciamento físico venha inclusivamente a reforçar a intensidade do elo que nos liga aos outros. Só agora, que tenho de evitar muitos daqueles que me são próximos, é que sinto plenamente a sua presença, a importância que têm para mim.

Aqui chegados, já estou a ouvir uma gargalhada cínica: está bem, talvez experienciemos esses momentos de proximidade espiritual, mas como é que isso nos vai ajudar a lidar com a catástrofe atual? Tiraremos daí alguma lição?

Hegel escreveu que a única coisa que podemos aprender com a história é que não aprendemos nada com a história, pelo que duvido que a epidemia nos vá tornar mais sábios. A única coisa que é evidente é que o vírus irá arrasar os alicerces das nossas vidas, provocando não só uma quantidade exorbitante de sofrimento, como um caos económico possivelmente pior do que o da Grande Recessão. Não há regresso à normalidade, o novo «normal» terá de ser construído a partir das ruínas das nossas vidas

antigas, ou daremos por nós numa nova barbárie cujos indícios já são nitidamente visíveis. Não bastará tratar a epidemia como um acidente infeliz, livrarmo-nos das suas consequências e regressar ao normal funcionamento da nossa velha maneira de fazer as coisas, talvez com alguns ajustes nos nossos sistemas de saúde. Teremos de colocar a questão fundamental: o que está errado no nosso sistema para termos sido apanhados desprevenidos por esta catástrofe, apesar de os cientistas estarem há anos a alertar-nos para a sua possibilidade?

1.

**AGORA ESTAMOS TODOS
NO MESMO BARCO**

Li Wenliang, o médico que descobriu a epidemia de coronavírus com que estamos a lidar e que foi censurado pelas autoridades, foi um autêntico herói do nosso tempo, uma espécie de Chelsea Manning ou Edward Snowden chinês, pelo que não é de admirar que a sua morte tenha espoletado uma fúria generalizada. A melhor expressão da previsível reação à forma como o Estado chinês lidou com a epidemia é a que transcorre do comentário do jornalista de Hong Kong Verna Yu: «Se a China valorizasse a liberdade de expressão, não estaríamos a viver nenhuma crise do coronavírus. A menos que a liberdade de expressão e outros direitos básicos dos cidadãos chineses sejam respeitados, crises como esta continuarão a deflagrar... Pode parecer que os direitos humanos na China pouco têm que ver com o resto do mundo, mas, como confirmámos nesta crise, podem advir calamidades do facto de a China restringir as liberdades dos seus cidadãos. Chegou certamente a altura de a comunidade internacional levar estas questões mais a sério.»¹

Não há dúvida de que se pode dizer que todo o funcionamento do aparelho do Estado chinês contraria a velha divisa de Mao: «Confiar no povo!» Ao invés, o governo opera segundo a premissa de que NÃO se deve confiar no povo: o povo deve ser amado,

1 <https://www.theguardian.com/world/2020/feb/08/if-china-valued-free-speech-there-would-be-no-coronavirus-crisis>

protegido, cuidado, controlado... mas não se deve confiar nele. Esta desconfiança é apenas o culminar da postura adotada pelas autoridades chinesas quando lidam com reações a protestos ecológicos ou com os problemas de saúde dos trabalhadores. Cada vez mais as autoridades chinesas fazem uso de um procedimento particular: uma pessoa (um ativista ecológico, um estudante marxista, o presidente da Interpol, um líder religioso, um editor de Hong Kong, mesmo uma popular atriz de cinema) desaparece do nada durante um par de semanas, antes de voltar a aparecer em público com acusações específicas deduzidas contra ela, e é este longo período de silêncio que transmite a mensagem principal: o poder é exercido de forma impenetrável e em que nada carece de prova. A fundamentação jurídica surge num distante segundo lugar quando esta mensagem basilar é transmitida. Ainda assim, o caso do desaparecimento dos estudantes marxistas tem um carácter específico: conquanto todos os desaparecimentos digam respeito a indivíduos cujas atividades podem de alguma forma ser caracterizadas como ameaças ao Estado, o desaparecimento dos estudantes marxistas legitima a sua atividade crítica pela referência à própria ideologia oficial.

O que desencadeou uma reação tão apavorada na liderança do Partido foi, naturalmente, o espectro de uma rede de organização autónoma que emergisse através de elos horizontais diretos entre grupos de estudantes e de trabalhadores, e baseada no marxismo, com afinidade com alguns antigos quadros do Partido e até fações do exército. Uma rede deste tipo mina diretamente a legitimidade do poder do Partido e denuncia-o como uma impostura. Não é, pois, de admirar que nos últimos anos o governo tenha desativado muitos *websites* «maoistas» e proibido grupos de debate marxistas nas universidades. O que de mais perigoso se pode fazer hoje na China é acreditar seriamente na própria ideologia oficial do Estado. A China está agora a pagar o preço por essa atitude:

«A epidemia de coronavírus pode atingir cerca de dois terços da população mundial se não for controlada», segundo o principal epidemiologista de Hong Kong, Gabriel Leung. «Era preciso